

EDUCAR PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS: COMBATENDO O RACISMO E SUPERANDO OS ESTEREÓTIPOS

**EDUCATE FOR ETHNIC-RACIAL RELATIONS: FIGHTING
RACISM AND OVERCOMING STEREOTYPES**

Arnóbio Rodrigues de Sousa Júnior¹
Raquel Rodrigues Camelo²
Antonio Rick Farias Oliveira²

RESUMO:

O presente trabalho teve como objetivo apresentar a experiência vivenciada durante o Projeto "Educar para as relações étnico-raciais: combatendo o racismo e superando os estereótipos". As atividades foram desenvolvidas na Escola Estadual de Ensino Profissional Antônio Mota Filho, Tamboril-CE, em uma turma de segundo ano do Ensino Médio, curso técnico em Administração. A proposta é de caráter formativa e tem o intuito de capacitar os estudantes a compreenderem discussões referentes à temática étnico-racial no Brasil. Embora a escola seja uma instituição educativa, ainda se constitui como um espaço de opressão e perpetuação das desigualdades. Assim, a aplicabilidade da lei nº 10.639/03 enseja reflexões pertinentes para compreendermos como o racismo opera no cotidiano escolar e para além dos muros escolares, de modo a contemplar os espaços de vida dos estudantes. Constitui-se, sobretudo, à luz da educação antirracista, compreendendo a necessidade histórica e atual de prezar pela disseminação de saberes afrocentrados. Desse modo, partimos de referenciais teóricos que legitimam o ensino em uma perspectiva contra-hegemônica, a saber: Brasil [2020], Ferreira [2009], Oliveira [2021], Gomes [2011], dentre outras autorias. Consideramos que o projeto tem estimulado em nosso público a empatia, o amor e o respeito pela diferença, sensibilizando-os sobre a diversidade racial e os capacitando sobre o racismo como problemática social e política.

Palavras-chave: Educação Antirracista. Interdisciplinaridade. Formação Cidadã.

ABSTRACT:

We aim to present the experience lived during the Project "Educating for ethnic-racial relations: fighting racism and overcoming stereotypes". The project was developed at the Antônio Mota Filho State School of Professional Education, Tamboril-CE, in a second year high school class, technical course in administration. This project is of an educational nature and aims to enable students to understand discussions related to ethnic-racial issues in Brazil. Although the school is an educational institution, it is still constituted as a space of oppression and perpetuation of inequalities. Thus, this project gives rise to relevant reflections to understand how racism operates in the school routine and beyond the school walls, in order to contemplate the students' living spaces. It is constituted, above all, in the light of anti-racist education, understanding the historical and current need to value the dissemination of Afro-centered knowledge. Thus, we start from theoretical references that legitimize teaching in a counter-hegemonic perspective, namely: Brasil [2020], Ferreira [2009], Oliveira [2021], Gomes [2011], among other authors. We believe that the project has encouraged empathy, love and respect for difference in our audience, raising awareness of racial diversity and training them on racism as a social and political problem.

Keywords: Anti-Racist Education. Interdisciplinarity. Citizen Training.

1. Professor da rede estadual de ensino na EEEP Antonio Mota Filho, Tamboril-CE. Graduado em licenciatura em Geografia pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – Campus Crateús. Especialista em Gestão Escolar: Orientação e Supervisão. Especialista em Direitos Humanos e Questões Raciais.

2. Estudante do terceiro ano do Ensino Médio na EEEP Antonio Mota Filho, Tamboril-CE.

2. Estudante do terceiro ano do Ensino Médio na EEEP Antonio Mota Filho, Tamboril-CE.

1. INTRODUÇÃO

O racismo se manifesta nas suas mais variadas formas durante nossa vida e, com a desinformação que paira sobre essa questão, são desconhecidos diversos aspectos em que se manifesta o preconceito racial. Essa desinformação não é um desencontro de ideias, é algo proposital, arquitetado para acontecer nessa configuração. (OLIVEIRA; CAMELO, 2022, n.p).⁴

O fragmento de texto acima que abre esta seção é bastante significativo do quanto a educação básica é locus de/para pesquisa sobre as questões relacionadas a diversidade étnica e racial, produto do engajamento de estudantes negros na construção teórica e metodológica do projeto em sala de aula. Por ser escrito por estudantes da educação básica, o trecho revela o quanto podemos avançar na construção de (in)formações sobre o Ensino da História e Cultura Afro-Brasileira a partir de sujeitos que vivenciam e constroem a pesquisa na escola e que vivem em territórios intermediados pela segregação e as mazelas sociais.

Não podemos desacreditar no potencial que estudantes, sobretudo negros, têm para socializar experiências e produzir conhecimentos sobre as questões étnico-raciais, fruto da luta incisiva do Movimento Negro Brasileiro, da pressão social, de instituições e atores individuais e coletivos que sempre lutaram pela promoção da igualdade racial.

Em nosso projeto, de caráter formativo, reflexivo, político e pedagógico, buscou-se evidenciar os estudantes como protagonistas no processo de ensino e aprendizagem, reconhecendo suas vivências, narrativas, saberes, posições, escolhas e culturas. Partimos do pressuposto de que a educação para as relações étnico-raciais é uma necessidade formativa e demanda de cunho político, haja vista a urgência de pensarmos na construção do ensino que denuncie o racismo e anuncie o combate ao preconceito e discriminação racial.

Ao estimular um conjunto de práticas formativas e antirracistas que incidem em reflexões, intervenções e mobilização de saberes em prol da luta antirracista, o projeto se constituiu como uma estratégia escolar de combate as opressões raciais e de protagonismo estudantil. Assim, pretendemos nestas breves páginas apresentar a experiência vivenciada e adquirida durante o Projeto "Educar para as relações étnico-raciais: combatendo o racismo e superando os estereótipos".

A produção de conhecimento sobre a temática em questão ainda é mínima se comparado com outras demandas da educação brasileira. Sabe-se, no entanto que:

Nos últimos anos, tem-se percebido um avanço substancial no tratamento das questões étnico-raciais nos espaços formais de educação. Congressos, universidades e experiências exitosas em escolas públicas – ainda que minimamente – relatam um conjunto de atividades e projetos voltados a combater o racismo. (SOUSA JÚNIOR, 2022, n.p).

Mesmo com os avanços, há permanências, retrocessos e ausências em abordagens sobre as demandas do Movimento Negro Brasileiro, da população negra e afro-brasileira. A ideia do projeto é inerente as nossas questões de pesquisa na caminhada acadêmica. Reconhecemos não só a necessidade de entendermos à docência como uma atividade crítica, intelectual e reflexiva, mas também de fomentar ações, projetos

4. Fragmento do texto publicado de dois estudantes do Ensino Médio da Escola Estadual de Ensino Profissional Antônio Mota Filho – Tamboril, CE, intitulado "Os estigmas associados a perpetuação do racismo na sociedade contemporânea", participantes do Projeto Integrador "Educar para as relações étnico-raciais: combatendo o racismo e superando os estereótipos". A publicação do texto é fruto do conjunto de atividades desenvolvidas no projeto. OLIVEIRA, Antônio Rick Farias.; CAMELO, Raquel Rodrigues. Os estigmas associados a perpetuação do racismo na sociedade contemporânea. Portal Eletrônico NEGRER [27/06/2022]. Disponível em: <https://negrer.wixsite.com/negrer/post/os-estigmas-associados-a-perpetua%C3%A7%C3%A3o-do-racismo-na-sociedade-contempor%C3%A2nea>. Acesso em: 22 jul. 2023.

e práticas de formação e combate ao racismo que perpassa o cotidiano escolar, produzindo dissabores e angústias em nossos estudantes que sofrem pela perpetuação do racismo.

O projeto foi desenvolvido no primeiro semestre de 2022 – fevereiro a junho – tendo como objetivos principais: 1) capacitar os estudantes a compreenderem discussões referente a temática étnico-racial no Brasil; 2) sensibilizar os estudantes sobre situações de racismo em diversos discursos e situações adversas, no contexto nacional e internacional; 3) discutir as questões étnico-raciais a partir de situações do cotidiano.

Este projeto é uma parte do que pretendemos realizar posteriormente com todos os estudantes da escola, envolvendo as três séries e abrangendo possibilidades de discussão e disseminação de epistemes negadas historicamente.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O racismo ainda se encontra introjetado no cotidiano escolar, nos materiais didáticos, nas práticas pedagógicas de professores, nos discursos e ações de estudantes – a partir de brincadeiras e apelidos –, na comemoração de datas específicas realizadas pela escola e em muitas situações corriqueiras no âmbito escolar.

Há muitos equívocos reproduzidos na sala de aula sobre a discussão racial. Os dados de inúmeras pesquisas revelam o lugar do negro no Brasil. Sabe-se, no entanto, mesmo com as evidências o preconceito e discriminação racial ainda são naturalizados, quando na verdade deveria ser questionado e combatido com políticas públicas efetivas, inclusive, políticas educacionais.

Necessitamos desalienar o processo pedagógico e mudar as mentalidades racistas como propõe Brasil (2004). Com o avanço no campo da legislação, as instituições educativas ainda deixam a desejar em relação a disponibilidade de recursos suficientes que possam articular a aplicabilidade das leis nº 10.639/03 e 11.645/08. Além de enfrentarmos a ignorância epistêmica na escola, temos pouca estrutura/materiais/recursos para expandir os projetos e ações que viabilize a educação antirracista.

Contudo, diante das intempestividades no cotidiano escolar, buscamos desenvolver práticas pedagógicas antirracistas e prezando estrategicamente pelo diálogo interdisciplinar, de modo a envolver outras ciências, saberes e buscando a descolonização do ensino. Neste projeto, dialogamos, sobretudo, com a Geografia, História, Sociologia e Biologia. Conforme Pontuschka *et al.*, (2009), a prática interdisciplinar precisa ser estimulada, de tal forma que possa auxiliar na compreensão de mundo e da realidade vivida pela sociedade.

Além da interdisciplinaridade com outros campos do conhecimento, as aulas do projeto focaram no cotidiano dos estudantes, haja vista a importância de sabermos quem é o nosso aluno, de onde vem, onde vivem, que identidade carrega consigo, dentre outras questões que nos auxiliam na abordagem do racismo e de sua operacionalidade, sem perder a dimensão racial como elemento analítico e as escalas espaciais como lentes para ler o mundo.

A ideia do projeto surge do diálogo entre escola e universidade, tendo a compreensão que devemos cumprir com as exigências epistemológicas e políticas das leis nº 10.639/03 e 11.645/08, bem como entendermos de que modo os educadores lidam com estas questões e qual a compreensão e leitura dos estudantes sobre as temáticas. No entanto, o projeto para nós ganha uma maior relevância quando na própria escola ouvimos de professores e estudantes as seguintes colocações: "lápiz cor de pele existe", "os índios", "aqui

nesta região não existe índio de verdade", "nós pessoas brancas sofremos também racismo", "cabelo ruim", "ei, macaco", "minha lista negra" dentre outras argumentações.

Com a aplicação do projeto, conseguimos expandir os horizontes de formação de nossos estudantes, convidando-os a se irmanar na luta antirracista e que todos pudessem pensar de que lado estão. Partimos do entendimento que é necessário pensar a educação numa perspectiva interseccional, sobretudo, de classe e raça. O projeto teve a preocupação de (in)formar criticamente os estudantes.

Nesse sentido, corroboramos com Silva (2022, p. 57) que "[...] alunos e alunas, uma vez, conscientes do racismo, como sinônimo de projeto de poder, poderão intervir criticamente na realidade, no intuito de desarticular a operacionalidade do racismo". Além disso, acreditamos que o projeto tem despertado questões interessantes para que coordenação pedagógica e direção possam pensar em atividades e instrumentos de promoção da gestão escolar para a equidade racial.

Há muitos equívocos reproduzidos na sala de aula e em outros espaços de formação sobre a população negra e continente africano que contribuem para a manutenção e perpetuação do racismo. Nessa perspectiva, é fulcral que tenhamos a disposição e a capacidade ética e intelectual para discutir a fundo as temáticas presentes em leis, respaldadas na Constituição Federal, a fim de produzir conhecimento, criar projetos, intervir socialmente e de forma objetiva, sensibilizar os sujeitos e a sociedade marcada, sobretudo, pela desigualdade social, superando estigmas e estereótipos.

A insistência histórica e atual da educação para as relações étnico-raciais (ERER) na educação básica é fruto da luta incisiva do Movimento Negro Brasileiro, justamente por reconhecer a existência de tratamento injusto sobre a presença do povo negro escravizado na sociedade brasileira e na diáspora, em decorrência do processo escravocrata, da perversidade sistêmica do racismo e da manutenção e perpetuação da discriminação racial pelo modo de produção capitalista.

A indiferença e exclusão destas temáticas na escola reverberam na construção de mentalidades racistas que perpetuam o ódio, a discriminação, a violência e o dissabor pela diferença. Para ser antirracista não basta apenas ter discurso, é preciso construir uma agenda que busque intervir socialmente, em vez de ser coniventes com a prática discriminatória.

Desse modo, o Movimento Negro Brasileiro é um dos principais atores responsáveis pela luta e socialização desta discussão nos espaços formais e informais. "Nunca tivemos dúvida de que sem esse ator coletivo jamais teríamos pautado o tema do racismo e da discriminação racial nas agendas políticas e da justiça brasileira" (GONÇALVES, 2011, p. 105). Fazendo jus a luta histórica do Movimento Negro Brasileiro, faz-se necessário que alunos possam entender as questões étnico-raciais como temáticas intrínsecas aos seus espaços de vida.

Mesmo havendo documentos que orientam o trabalho pedagógico sobre a diversidade étnica e racial na escola, nota-se um distanciamento e até mesmo desconhecimento sobre o que é educar para as relações étnico-raciais, o que revela a inconsistência de escolas entre teoria e prática. De acordo com Gomes (2011, p. 48), compreendemos que o Movimento Negro Brasileiro "[...] apresenta, historicamente, um projeto educativo, construído à luz de uma realidade de luta".

Assim, é fundamental disputar o currículo e as práticas pedagógicas na escola. Essa tarefa requer preparo profissional, união entre os pares e o entendimento das questões étnico-raciais como temáticas de/para pesquisa, uma vez que ensinar exige pesquisa (FREIRE, 2003).

A insistência da educação para as relações étnico-raciais faz parte da construção crítica dos sujeitos, da educação e da sociedade, de tal forma que possamos minimamente atenuar e combater a discriminação racial.

3. METODOLOGIA

Por se tratar de um projeto de cunho formativo e voltado a capacitação de estudantes da educação básica em diálogo com seus instrumentos de aprendizagens, utilizou-se um conjunto de estratégias metodológicas que pudessem viabilizar o desenvolvimento das práticas educativas na escola e a desenvoltura de atividades por parte dos estudantes, estimulando a leitura, escrita, oralidade, dentre outras habilidades imprescindíveis para compartilhar pensamentos, sentimentos e ideias, respeitando a diversidade, os direitos humanos e adotando princípios democráticos e de justiça.

O projeto mediado pela docência em sala de aula é voltado a participação ativa dos estudantes na medida em que se colocam como protagonistas no processo de ensino e aprendizagem, a partir da realização de um conjunto de atividades estratégicas que tem o intuito de capacitá-los sobre as questões étnico-raciais. A priori, utilizou-se a aula expositivo-dialogada e a pesquisa bibliográfica como suporte metodológico, interligando a pesquisa, escrita, exposição oral e criação de material pelos estudantes participantes.

Em tese, durante as aulas expositivo-dialogadas no decorrer do semestre, houve discussões referentes ao entendimento sobre o que é racismo e como opera na sociedade; tensionamentos entre os principais conceitos (racismo individual, estrutural, institucional, velado e recreativo); debate sobre *bullying* e racismo, visto que há muitas práticas discriminatórias na escola confundidas como *bullying*; reflexões sobre o que seja racismo reverso; o racismo no ambiente escolar, falas pejorativas e brincadeiras que inconscientemente perpetuam este tipo de opressão; abolição da escravidão no Ceará e seus rebatimentos sociais; cotas raciais, discussões sobre racismo a partir dos espaços de vida e convívio social da juventude e da família, dentre outras discussões que ensejam o pensamento crítico e a sensibilização dos estudantes.

É fundamental que a juventude tenha disposição a leitura, assim será possível (re)significar olhares, entendimentos e saberes sobre as temáticas étnico-raciais, buscando abordar de forma justa as identidades e os saberes cotidianamente invisibilizados nos espaços de formação pelo racismo epistêmico. A priori, a pesquisa bibliográfica possibilitou aos estudantes realizar coletivamente a leitura do livro *Pequeno manual antirracista e Minha mãe é negra sim* por meio de ciclos de leitura e discussões em sala de aula. Ambos os livros permitem aos estudantes pensar de forma significativa sobre racismo, família, mercado de trabalho e relações interpessoais.

Além disso, o projeto incentivou aos estudantes o desenvolvimento da escrita e oralidade, tendo como produto a participação em congressos com apresentação de trabalhos, publicação em anais de eventos, escrita e publicização de textos em revistas e apresentação de seminários sobre o continente africano com o intuito de desmitificar os estereótipos e desconstruir a África imaginada. Portanto, o uso da leitura, escrita e oralidade constituíram parte da metodologia do projeto, onde estudantes são os próprios sujeitos-participantes.

Por conseguinte, enquanto metodologia, o projeto trabalhou com apreciação musical, selecionando músicas estratégicas que discutem as relações raciais no Brasil e a linguagem cinematográfica, utilizando filmes e documentários com o intuito de enriquecer o repertório cultural dos estudantes e fortalecer o debate e a comunicação sobre as relações étnico-raciais no Brasil e em contexto internacional.

Por fim, recorreu-se a construção de oficinas de bonecas *abayomi* em sala de aula como metodologia para retratar a realidade de mulheres negras no período da escravidão. Todas as metodologias mencionadas e utilizadas amparam o ensino e aprendizagem, revelando serem ferramentas didáticas de ensino tornando a construção do conhecimento mais prazeroso. Esse conjunto de metodologias incidem diretamente nos resultados e discussões do projeto que ressignificou o olhar e mentalidade dos estudantes sobre as relações raciais.

4. DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS RESULTADO

Conforme Gomes (2011), historicamente o Movimento Negro apresenta um projeto educativo construído a partir da realidade de luta dos atores sociais. Nesse sentido, o projeto enseja discussões que valoriza o histórico de lutas e conquistas do Movimento Negro Brasileiro, um dos principais representantes da luta antirracista no Brasil.

Sabemos que mesmo com o avanço dos mecanismos democráticos, o racismo tem a capacidade de se aperfeiçoar e mudar de expressão (OLIVEIRA, 2021). Por isso mesmo, este projeto foca na dimensão racial, bem como podemos notar na programação abaixo.

| PROGRAMAÇÃO DO PROJETO | |
|------------------------|--|
| Data | Proposta pedagógica |
| 01/02/2022 | Acolhimento, dinâmica e apresentação do projeto. |
| 08/02/2022 | Questões introdutórias – O que é racismo; preconceito e discriminação racial; tipos de racismo; Racismo x <i>Bullying</i> . |
| 15/02/2022 | Finalização dos conceitos iniciados na aula passada. Reflexões sobre os principais conceitos e pesquisa direcionada: 01) Quem sofre racismo? 02) Existe racismo reverso? 03) Pessoas brancas podem falar de racismo nos mais diversos espaços? |
| 22/02/2022 | Dialogamos sobre as questões norteadoras da aula passada. Leitura do livro <i>Pequeno Manual Antirracista</i> . |
| 08/03/2022 | Discussão sobre racismo a partir de notícias jornalísticas e manchetes de jornais. |
| 15/03/2022 | Filme <i>Histórias Cruzadas</i> . |
| 23/03/2022 | Continuação e conclusão do filme <i>Histórias Cruzadas</i> . |
| 25/03/2022 | A abolição no Ceará: o que não te contaram? |
| 29/03/2022 | Discussão sobre o filme <i>Histórias Cruzadas</i> e atividade sobre o filme (pesquisar sobre o contexto em que se passa o filme com o intuito de aprofundar o debate). |
| 05/04/2022 | Discussão sobre o filme e pesquisa realizada. Leitura coletiva do livro infantil <i>Minha mãe é negra sim</i> . |
| 19/04/2022 | 19 de abril – dia do índio ou indígenas? |

| | |
|---------------------|---|
| 26/04/2022 | Não é <i>bullying</i> , é racismo: como o racismo se manifesta na escola. |
| 03/05/2022 | Escrita de um texto livre ou artigo de opinião sobre as temáticas estudadas em nosso projeto. Publicação de textos e participação de estudantes em congressos. ⁵ |
| 10/05/2022 | Orientação para a oficina de bonecas <i>abayomi</i> . |
| 17/05/2022 | Oficina de bonecas <i>abayomi</i> . |
| 24/05/2022 | Filme <i>Silverton – cerco fechado</i> . |
| 31/05/2022 | Continuação do filme e documentário <i>Vista a minha pele</i> . |
| 07/06/2022 | Debate do filme e documentário por meio de rodas de conversas. |
| 14/06/2022 | Organização dos seminários sobre África. |
| 21, 27 e 28/06/2022 | Apresentação dos seminários. |

Fonte: Elaboração do autor (2022).

A partir das atividades e debates, acreditamos ter cumprido com parte de nossos objetivos, despertando em suas mentes a empatia, o amor e respeito pela diferença. Claramente conseguimos desconstruir equívocos e estereótipos, más interpretações sobre o racismo e a população negra no Brasil e em África. A partir do convívio na sala de aula entre professor e aluno por meio de discussões, questionamentos e tensionamentos ficou explícito o quanto o vocabulário de nossos estudantes estavam recheado de palavras, frases e leituras equivocadas. De todas as interpretações e conhecimentos que os estudantes tinham previamente, nota-se muitos equívocos sobre o continente africano e o quesito cor/autodeclaração.

Não consta na programação do projeto, mas elaboramos inicialmente um formulário eletrônico para que todos os estudantes da escola pudessem se identificar racialmente, ou seja, se autodeclarar, conforme a classificação do IBGE. Este formulário serviu para que pudéssemos mapear a quantidade de alunos pretos, pardos, amarelos, brancos e indígenas, com o intuito de constar esses dados para ampliarmos o projeto e realizar com toda a escola.

De 507 alunos, apenas 71 se identificaram como negros, sendo que a sala com maior percentual de estudantes negros foi justamente na sala onde trabalhamos o projeto, tendo o maior percentual de estudantes autodeclarados pardos, acima de 60% dos estudantes. Desse modo, esses dados revelam que o projeto contribuiu para a construção positiva das identidades negras, estimulando que todos (re) conheçam a existência do racismo e sua operacionalidade.

No entanto, entendemos a categoria parda como um problema para a identificação étnico-racial no Brasil, pois ela transita nos meandros da branquitude, portanto, tende a continuar estigmatizando as identidades negras, colocando-as em uma posição de marginalização, inferioridade e reproduzindo os padrões estéticos da supremacia branca como protótipos aceitáveis na sociedade brasileira. Muitos estudantes não se reconhecem como negros, justamente pela identidade negra ser automaticamente rotulada como periférica e socialmente inferior aos moldes estabelecidos pela branquitude que disseminam ideais e valores socialmente corretos.

5. A partir das atividades no projeto houve a publicação de textos em site eletrônico como mencionado na introdução e apresentação de trabalhos de duas estudantes no XXV Simpósio de Estudos e Pesquisas da Faculdade de Educação da UFG, com o tema Desigualdades, racismo e resistências: Educação e Psicologia em debate. Banners intitulados "Questões étnico-raciais: vivências e reflexões na educação básica" e "Educar para as relações étnico-raciais: a educação básica em foco". Banners disponíveis para leitura. Disponível em: <https://sites.google.com/ufg.br/simposio/in%C3%ADcio?authuser=0>. Acesso em: 22 jul. 2023.

Nesse sentido, pessoas negras de pele mais clara tem a dificuldade de se autodeclararem negras em virtude da construção histórica dos estigmas e estereótipos criados e sustentados pela branquitude. Infelizmente, existem estudantes que se sentem envergonhados em afirmar que tem no corpo a pele negra. Logo, a cor parda seria uma válvula de escape para fugir dos rótulos e do imaginário perpetuado na sociedade.

Por serem politicamente rotulados como subalternos e economicamente inferiores, estudantes negros buscam fugir deste conjunto de estigmas e estereótipos, por isso tendem a se resguardar na categoria parda. É nesse sentido que essa categoria de classificação racial se torna um problema, pois nega a existência da diferença na escola e na sociedade brasileira na medida em que propõe a suposta transição das corporeidades negras para os padrões estabelecidos pela branquitude. Os padrões impostos por esse sistema de poder têm por objetivo, desqualificar e desumanizar as identidades negras no Brasil, o que legitima as discriminações raciais nos mais variados espaços públicos.

Entendemos que esta categoria está a serviço dos propósitos do capitalismo – que não se sustenta sem as opressões – , de modo a manter o status quo, e reproduzir a lógica de produção capitalista baseada na exploração e segregação racial. Portanto, a categoria parda se apresenta como uma espécie de “arma” ideológica e política de desvalorização da negritude, e das políticas de ações afirmativas, fruto da luta incisiva e histórica do movimento negro brasileiro. Identificar-se como pardo, em certa medida, revela o quanto os estudantes rejeitam as ancestralidades, as culturas e a filosofia de base africana.

Notamos a partir do questionário e das discussões em sala de aula que os estudantes que se identificam como pardos buscam fugir dos rótulos e das condições que lhes são atribuídas historicamente, bem como tentar se adequar a um lugar confortável que, indiscutivelmente, é o lugar da branquitude que se preocupa com os privilégios. Assim, a questão do pardo no Brasil é uma questão política que precisa ser discutida na escola com os estudantes, instigando-os a reconhecerem como o racismo opera e se perpetua e o quanto a sociedade brasileira é racista.

Além das discussões dos livros apresentados na proposta pedagógica, sugerimos a realização da leitura dos livros nos círculos de leituras das turmas de primeiro ano, entre outros momentos de formação. Utilizamos as aulas expositivo-dialogadas, pois acreditamos ser possível desenvolver a pesquisa na educação básica, basta lapidar nossos estudantes. Ao utilizar noticiários e manchetes de jornais, foi possível problematizar questões étnicas e raciais em uma perspectiva interseccional, além do uso da música como forma de denúncia dos fatos que estão na tessitura social.

A linguagem cinematográfica, não como forma de entretenimento, mas como maneira de disseminar a arte, o saber artístico, cultural, científico, político, transformando informação em conhecimento; a escrita de textos; oficinas, prezando pelo lúdico; seminários e situações problemas para que os estudantes pudessem pensar em formas de intervir socialmente. Uma das discussões mais relevantes para o projeto foi sobre o racismo reverso, visto que a “[...] escravidão nem sempre foi ligada a uma raça ou uma cor de pele” (GOMES, 2019, p. 66).

Alguns estudantes acreditavam existir a ideia do racismo reverso que consideramos como uma tecnologia discursiva da branquitude de naturalização do racismo. No entanto, é válido pontuar que mesmo havendo pessoas brancas sendo escravizadas na história da humanidade, indivíduos de cor de pele branca não foram trancafiados e transportados em navios negreiros pelo atlântico como mercadoria e mão de obra barata para os países europeus se industrializarem. Em virtude da necessidade de mão de obra, diversos países europeus naturalizaram a escravidão e a expandiram como um negócio.

A cor de pele branca jamais foi negada, desvalorizada e jogada nas margens, ao contrário do que acontece com as identidades negras que em sua maioria são associadas ao continente africano. Pessoas brancas não passaram séculos sendo escravizadas e trancafiadas em navios pelo atlântico e, tampouco, subalternizadas na sociedade contemporânea. Assim, ainda está em curso o projeto político de genocídio da população negra brasileira e na diáspora, haja vista que a escravidão não cessou, apenas mudou de endereço e se modernizou conforme as fases cíclicas do capitalismo.

Dessa forma, o projeto é sinônimo de luta, resistência e rompimento de saberes centrados na domesticação do ensino. É evidente que a proposta pedagógica rompe com a superficialidade do ensino, pois oferece inquietações epistêmicas aos estudantes, nos tirando da zona de conforto, na medida em que exige autonomia intelectual, disposição a leitura e capacidade cognitiva de compreender os fatos da tessitura sócio-histórica.

O uso da pesquisa bibliográfica que incide diretamente na leitura, proporcionou aos estudantes maturar ideias, reflexões, pensamentos e atitudes acerca da temática racial, haja vista as discussões com os pares sobre pontos fundamentais para o processo de conscientização e sensibilização dos estudantes em prol da luta antirracista. É de suma importância discutirmos o que seja o racismo e como se entranha na sociedade, considerando o espaço de vida e de convívio social do estudante.

A partir das reflexões e tensionamentos em sala, estudantes passaram a reconhecer situações do cotidiano e a citar um conjunto de exemplos de racismo que opera, inclusive, em sua cidade, bairro, rua, dentre outras situações que nos permitem problematizar a realidade em diferentes escalas, considerando sempre que possível a interdisciplinaridade entre as ciências para que seja possível expandir o processo formativo e de conscientização.

O projeto oportunizou que estudantes pudessem participar de congresso, submeter e apresentar trabalho, bem como publicar nos anais do evento. A escrita que surge a partir da necessidade de externar ideias trouxe aos estudantes vivências, experiências e socialização de conhecimentos. Ainda, houve a publicação de textos de autoria dos próprios estudantes em site eletrônico da Universidade Regional do Cariri pertencente ao grupo de estudos e pesquisas em educação, gênero e relações étnico-raciais.

Possibilitou ao mesmo tempo a pesquisa e a comunicação a partir da construção dos seminários sobre o continente africano, com o intuito de desmascarar os mitos, tabus, estigmas e estereótipos sobre os países africanos e sua diversidade. A realização da oficina de bonecas *abayomi* evidenciou o quanto a escravidão foi o maior processo migratório forçado da humanidade, além de tecer reflexões sobre os navios negreiros e a representatividade da mulher negra nas rotas e centros de comércio pelo mundo. Por fim, o uso de filmes (*Medida Provisória*, *Histórias Cruzadas*, *Silverton: cerco fechado*) e documentários (*Vista minha pele*) foi uma estratégia de publicização da linguagem cinematográfica e o quanto é importante para que estudantes enriqueçam seu vocabulário, podendo usar futuramente como repertório sociocultural em redações e/ou atividades similares.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Objetivou-se com este projeto capacitar os estudantes a compreenderem discussões referentes à temática étnico-racial no Brasil, partindo do reconhecimento da docência como uma atividade crítica e que todos nós professores devemos refletir sobre qual o intuito de nossa prática pedagógica, que sociedade e país queremos.

O estudo das questões étnico-raciais no espaço escolar é uma necessidade formativa da sociedade brasileira, justamente por ser uma sociedade demarcada pela desigualdade racial entre classes e por produzir e perpetuar o racismo, sendo de forma individual ou institucional. Por ser estrutural, o racismo tem como um dos intuitos naturalizar as discriminações que ocorrem no cotidiano, inclusive no ambiente escolar. Partimos de um conjunto de metodologias que proporcionassem aos estudantes a interação social e, sobretudo, a desenvoltura da pesquisa, leitura, oralidade e escrita. Por ser uma metodologia propositiva, acreditamos ter cumprido com nossos objetivos específicos já que almejávamos sensibilizar os estudantes sobre situações do cotidiano e questões a nível nacional e global.

Entende-se a urgência das escolas assumirem as questões étnico-raciais como temáticas candentes a formação para a cidadania, proporcionando o desenvolvimento de projetos nos mais variados espaços que possam combater o racismo e a lógica de produção capitalista. Nesse sentido, consideramos que o projeto nos sensibiliza sobre a existência da opressão racial contra a população negra, além de nos convidar a se colocar como sujeitos antirracistas, estar sensibilizados para corrigir equívocos e ser protagonistas nesta luta que deve ser coletiva.

Esse projeto é uma das formas de romper com o ensino eurocêntrico e que o combate ao racismo seja uma ação constante. Ao buscar sensibilizar e capacitar os estudantes sobre a temática étnico-racial, entendemos que o projeto integrador se constitui como uma possibilidade efetiva de implementação da lei nº 10.639/03 e 11.645/08, respaldada na Constituição Federal e nos documentos que orienta o trabalho pedagógico.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Conselho Nacional de Educação/Conselho Pleno. **Parecer nº 3, de 10 de março de 2004**. Estabelece Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Diário Oficial da União, Brasília, 19 de maio de 2004.

FONSECA, João José Saraiva. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UECE, 2002.

GOMES, Nilma Lino. Diversidade étnico-racial: por um projeto educativo emancipatório. In: FONSECA, Marcos Vinicius *et al.* (Org.) **Relações étnico-raciais e educação no Brasil**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2011.

GOMES, Laurentino. **Escravidão**: do primeiro leilão de cativos em Portugal até a morte de Zumbi de Palmares – Volume 1. 1ª edição. Globo Livros, 2019.

OLIVEIRA, Antônio Rick Farias.; CAMELO, Raquel Rodrigues. Os estigmas associados a perpetuação do racismo na sociedade contemporânea. **Portal Eletrônico NEGRER** [27/06/2022]. Disponível em: <https://negrer.wixsite.com/negrer/post/os-estigmas-associados-a-perpetua%C3%A7%C3%A3o-do-racismo-na-sociedade-contempor%C3%A2nea>. Acesso em: 22 jul. 2023.

OLIVEIRA, Dennis. **Racismo Estrutural**: Uma perspectiva histórico-crítica. 1ª edição. São Paulo: Editora Dandara, 2021.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib; PAGANELLI, Tomoko Iyda; CACETE, Núria Hanglei. **Para ensinar e aprender Geografia**. 3ª edição. São Paulo: Cortez, 2009.

SILVA, Rafael Ferreira da; SILVA, Maryelle Macedo da. A efetivação da lei 10.639/03 através da contação de histórias. In: NUNES, Cícera *et al.* (Org.). **Caderno olhares docentes**. Revista África e Africanidades, n. 41, Quissamã, Rio de Janeiro, 2022.

SOUSA JÚNIOR, Arnóbio Rodrigues de. Por que insistir na educação para as relações étnico-raciais na educação básica: tensionamentos e reflexões. **Portal Eletrônico NEGRER** [12/05/2022]. Disponível em: <https://negrer.wixsite.com/negrer/post/por-que-insistir-na-educa%C3%A7%C3%A3o-para-as-rela%C3%A7%C3%B5es-%C3%A9tnico-raciais-na-educa%C3%A7%C3%A3o-b%C3%A1sica>. Acesso em: 22 jul. 2023.